



ANO XIV

Suplemento infantil do jornal:

O SECULO

N.º 721

Chico Torniquete

* O AZ DO AUTOMOBILISMO *

POR essas estradas fóra, ora sob uma chuva inclemente, ora sob um sol abrasador, Chico Torniquete e os seus quatro companheiros, corriam ve-lozmente. A' frente, Boyer, depois Herrmann, logo a se-guir Bellier e, por último, Colbert e... Chico Torniquete. Atravessaram Coimbra numa vertigem e Chico Torniquete, desenfreadamente, ia pas-sando à frente de Colbert, Bellier, Herrmann e Boyer. Emocionante corrida, entre campos e altos choupos que se baluçavam, como a cumprimentar os cinco ases internacionais. O avanço de Torniquete era agora notório e a vertigem aumentava...

Porém, mais fortemente se começou ouvindo o motor daquele estranho avião, que não se afastava dos cinco corredores.

Chico Torniquete avançava mais e mais! O seu esplêndido «C. T.» cum-pria rigorosamente o seu dever e Torniquete, — o volante mais extraordinário do mundo! — esquecia o es-tranho avião, esquecia o perigo arriscado em que seguia, esquecia tudo para gozar do profundo prazer de guiar ve-

lozmente, de suplantar todos, de cor-rer, de voar, de...

Súbitamente: — Horror!! — um ruído medonho, semelhante a uma explosão, se ouviu, e os quatro con-tendores, que marchavam na rec-ta-guarda, apenas divisaram, por instan-tes, o carro de Chico Torniquete, en-volto numa espessa nuvem de fumo! A corrida foi interrompida.

Colbert, Bellier, Herrmann e Boyer imediatamente — marcando rigoro-samente as suas posições de avanço e atraso — acorreram ao local do sinis-tro, retirando, inanimado, o corpo do grande automobilista português.

Para uma estalagem próxima o con-duziram e o farmacêutico da aldeia lhe prestou rápidos serviços.

Numa «garage» procedeu-se aos ur-gentes reparos no «C. T.», bastante danificado.

Durante a noite, fortes pancadas soaram na porta da estalagem onde repousavam os cinco corredores. A velha criada Joana, indo abrir, ficou espantada ao dar com um homem de horrível aspecto, que pedia um quarto e que era gordo e redondo como uma bola de «foot-ball»...

— «Tenciona demorar-se muito tem-po? — perguntou a criada Joana, pas-sado o primeiro momento de es-panto.

— «Não. Apenas esta noite» — res-pondeu com a sua voz rouca e diabó-lica o medonho Nicolau.

A estalagem estava no mais com-pleto silêncio. Tudo dormia a essa hora. Embrulhada no seu velho chale preto, friorenta e ensonada, Joana sub-bia a escada, conduzindo o seu novo e mal encarado hóspede. De súbito, perguntou-lhe Nicolau Rebola, ten-tando dar à pergunta o ar mais natu-ral deste mundo:

— «Diga-me uma coisa: não está cá hospedado o ás automobilístico Chico Torniquete?»

— «Está sim, meu senhor» — respon-deu a velhota, sem suspeitar da ra-zoeira que o terrível bandido lhe pre-parava.

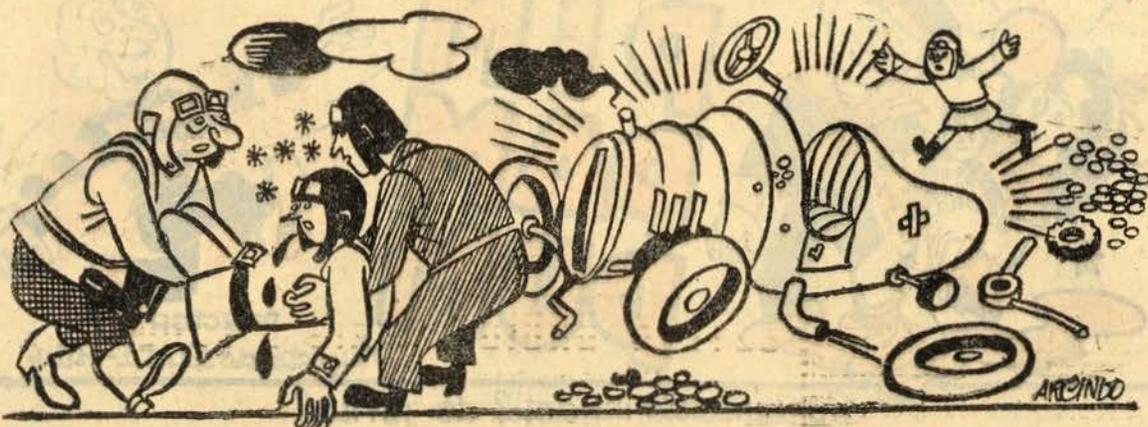
— «Em que quarto está?»

— «No número 5, mesmo ao lado daquele que vou dar ao senhor.»

Nicolau Rebola teve, no olhar, um lampejo de cruel alegria...

E a noite seguiu, ouvindo-se, agora,





muito ao longe, os ecos atrojadores duma grande trovoadá.

Os dois quartos eram ligados, interiormente, por uma porta fechada á chave mas que não resistia cinco minutos á experimentada gazua de Nicolau Rebola.

Quem pudesse ver, ao pálido clarão duma lâmpada eléctrica, o rosto de Nicolau Rebola e os seus medonhos dentes de crocodilo, que rangiam uns contra os outros, ficaria certamente, horrorizado!



Pé ante pé, aproximou-se do leito onde repousava, agora profundamente adormecido, o heroico Chico Torniquete. Tirando da algibeira um frasco,



contendo um líquido esverdeado, aproximou-se do nariz de Chico Torniquete.

Em seguida guardou o frasco e teve uma medonha gargalhada de vencedor...

Quem se debruçasse para ler o rótulo do terrível frasco, leria o seguinte: — «Veneno Otloquette. Produz a morte no prazo duma hora.»

Pé ante pé, dirigiu-se, novamente, para a porta, contente com a forma rápida como operara a sua proeza,

quando, de súbito, estacou. Na sua frente, Boyer, Colbert, Bellier e Herrmann, impediam-lhe a passagem. Rapidamente, Nicolau Rebola saca do seu revólver, mas os quatro homens, num salto de feras, caem sobre ele, tolhendo-lhe os movimentos.

— «Maldito!» — exclamou Boyer — que fizeste a Chico Torniquete? O teu ódio já é conhecido por nós e logo vimos que, em tudo isto, andava o teu dedo infernal. Dize: o que fizeste a Chico Torniquete?

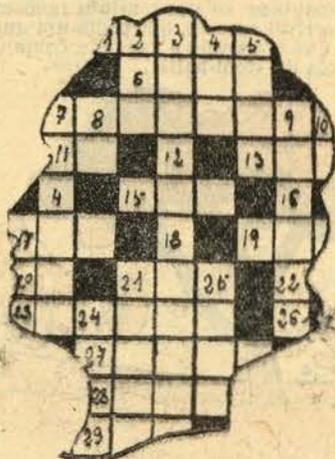
— «Nada!» — respondeu o bandido. — E os minutos iam passando.

(Continua no próximo número).



PALAVRAS

HORIZONTAIS: — 1, anfíbios insectívoros; 7, limpas; 11, parte do navio; 12, consoante; 13, olá; 14, consoante; 15, relação, lista; 16, vogal; 17, tempo do verbo doer; 18, consoante; 19, espaço de tempo; 20, atmosfera; 21, infame; 22, consoante; 23, câmara legislativa; 24, vogal; 27, querido; 28, corpo simples, volátil a uma temperatura pouco elevada; 29, tempo do verbo azar.



CRUZADAS

VERTICAIS: — 17, contracção; 7, vegetal lenhoso; 1, consoante; 8, conjunção; 24, o mesmo que vaidade; 2, suspiros; 15, consoante; 21, tempo do verbo ir; 3, antecipação, prematuro; 4, tempo do verbo orar; 25, lama; 5, rio português; 19, vogal; 2, ânimo, esforço; 10, igreja episcopal.

A HISTÓRIA DO BICHAÇO MADRAÇO

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

NA última ninhada daquela senhora coelha, nascera um coelhinho tão mandrião que fôra logo conhecido na mata pelo bichaço madraço.

Muito desgostosa, a mãe coelha foi procurar a Fada dos Disparates e pediu-lhe que arranjasse maneira de tornar o seu filho trabalhador.

— «Penso que o melhor é transformar esse madraço numa formiga. Elas são um exemplo de actividade. Aprenderá assim a trabalhar».

— «Muito bem, senhora Fada! A ideia é acertada. Nem parece um disparate de Fada Disparatada!» — disse a coelha, abanando o rabinho, com entusiasmo.

— «Traz-mo aqui—tornou a Fada dos Disparates.

A senhora coelha foi buscar o seu menino.

Hesitante balbuciou:

— «E se eu quiser que ele volte, outra vez, a ser coelhinho?...

— «Isso só poderá succeder se estiver completamente curado do terrível defeito da mândria.» respondeu a Fada.

Depois, pondo a mão sobre a cabeça do coelhinho, acrescentou:

— «Digo e digo e repito
Este dito:

— meu ralção,
meu madraço,
em formiga
siga, siga
e prossiga.
Figa! Figa! Figa!
Salte a formiga!»

E a formiga saltou!

Mas que tamanhona ela era!

Tão grande, que mais parecia um enorme bezouro!

A coelha mãe, um tanto desazonada, ainda refluiu:

— «O' senhora Fada,
deixe que lhe diga,
foi disparatada!
Em vez de formiga,

fez um formigão!
Mas que entalção!»

— «Não te amofines! Quanto maior fôr, mais trabalhará!» — isto respondeu a Fada dos Disparates, deixando o coelhinho entregue ao seu novo destino.

Muito indolente para se preocupar com o caso estranho que lhe succedia, este, assim que se viu feito em formiga, entrou num formigueiro e adormeceu num sono profundo.

Quando acordou, viu-se sentado num tronco e rodeado por milhares de formiguinhas.

Uma delas, perguntou-lhe, muito respeitosa:

— «Podes dizer-me como te chamas?»
A formiga-coelhinho respondeu, numa voz sonolenta:

— «Sou o bichaço madraço.»

— «Pois estou encarregada de te nomear rei das formigas, visto seres um gigante ao pé de nós todas. E como um rei não trabalha, nada farás, senão comer e dormir.»

— «Mas que rico officio! E dizia a minha mãe que me ia castigar!» — (Pensou consigo o coelhinho, radiante com tal proposta). E logo ordenou: — «Deixem-me dormir descansado. Amanhã acordem-me e tragam-me uma prateda de ovos de formigas, guisados, para o meu almoço.»

E assim foi vivendo o madraço coelhinho.

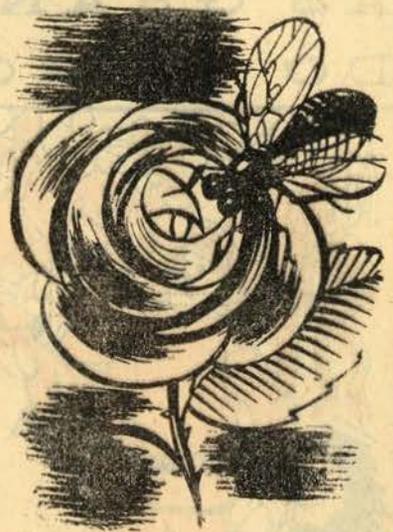
Daí a dias, a Fada dos Disparates veio ver o resultado da sua experiencia.

Percebeu, então, o grande disparate que fizera, em transformar o coelhinho numa formiga, tão diferente das outras.

E, ao dar com o seu protegido, sentado num tronco, com todas as formigas a servi-lo, gritou, furiosa: — «Fôra daí, pedaço de mandrião!»

Lembrou-se, então, de o transformar numa abelha.

Bateu-lhe com a varinha, dizendo estas palavras:



— «Ficarás abelhinha,
leve e doiradinha.
Veremos se consigo
livrar-te do perigo,
de seres o bichaço,
madraço.
Vôa p'ró cortiço,
pedaço de enguicho!»

E o coelhinho, de formiga passou a abelha e voou logo em cata do cortiço.

Passados dias, estava a Fada dos Disparates contando à coelha a transformação do filho, quando uma abelha passou por ali e foi pousar numa flor.

— «Parece-me que é o bichaço madraço.»

E vai, perguntou-lhe:

— «Como te chamas, abelhinha?»

Ela zumbiu: — «Não posso dar-te atenção. Tenho muito que fazer.»

— «Ordeno-te que me digas o teu nome!» — disse a Fada dos Disparates, já quasi a disparatar.

— «Fui o bichaço madraço. Mas, agora, sou a abelha trabalhadeira e muito ordeira.»

— «Destá vez, o meu disparate deu resultado. Queres que torne a transformar o teu filho em coelhinho?» — perguntou ela à coelha.

— «Certamente! Certamente!» — acudiu esta, muito contente.

Batendo com a varinha na abelha, a Fada disse:

— «Voltas a ser coelhinho,
muito activo e jeitozinho.»

Logo isso succedeu.

A mãe coelha, abraçada a ele, exclamava, radiante: — «Meu rico bichaço madraço!»

Indignado, o filho, bradou:

— «Pois hoje essa alcunha eu mudo, sou coelhinho Faz-Tudo e em cem léguas em redor, o maior trabalhador.»

A Fada e a mãe coelha desataram a rir, com a vivacidade do menino.

— «Como é que isso succedeu?» — indagaram, interessadas.

— «Fecharam-me numa cela e deixaram-me ali, até eu me decidir a trabalhar. Agora, já não posso estar pa-



AS GRANDES AVENTURAS DO AERONAUTA MATIAS

E DO PILOTO «PÁTÓ»



1 Finalmente libertos dos antropófagos e dos piratas chineses, Matias e «Pátó» seguem, agora, com a fiel «Mascotte» na carlinga do avião, a caminho de «Cascos de Rôlhas» onde, após quarenta e oito horas de viagem, que correu sem a menor contrariedade, chegam, finalmente, aterrando no respectivo campo de aviação. Uma multidão de habitantes da re-



gião, chefiada pelas entidades mais importantes de «Cascos de Rôlhas» entre as quais se destacavam o capitão do porto, Agapito Tampa de Gargalo, com uma exquisita farda verde

2



com vivos amarelos, e oito flarmónicas, aguardavam, dando palmas e vivas, os dois já célebres heróis. Assim que se apearam, a música

3



irrompeu, tocando o hino nacional de «Cascos de Rôlhas» e Agapito Tampa de Gargalo, abraçando os dois heróis e apertando a patinha branca da «Mascotte», empertigou-se, sacou duma mensagem, em pergaminho, e dispôs-se a ler uma saudação que prometia ser longa. Providencialmente, entretanto, «Mascotte», formando um imprevisto pulo, abocanhou a mensagem e

(Conclue na página?)

4

«Zé» Contente e Resmungão

Por AUGUSTO SANTA-RITA

«Zé» Contente era um petiz que se julgava feliz. Ora se assim se julgava, é que o era certamente, por isso andava contente; pois pudera! Sempre alegre e sorridente.

Tudo lhe corria bem à mercê dos seus desejos, por isso, avós pai e mãe sempre o cobriam de beljos.

Onde chegava alegrava tôda a gente;

criava uma atmosfera de simpatia. Pudera! Pois se «Zé» constantemente sorria!



«Zé» Resmungão, ao contrário, andava sempre a carpir seu fadário; sempre alheio e solitário, ninguém o via sorrir!

Mas, um dia, o «Zé» Contente «Zé» Resmungão encontrou e ao ver que «Zé» era um doente, como um doente o tratou. Fê-lo andar sempre consigo, fê-lo rir alegremente!

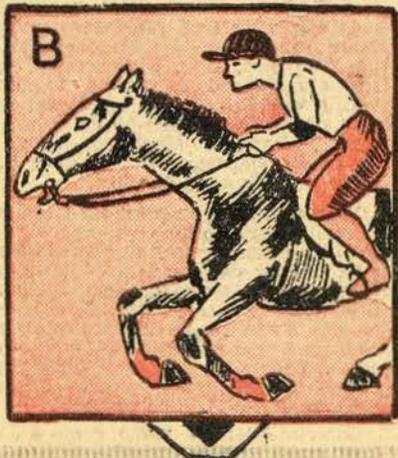
E tanto fez rir o amigo que, finalmente, o curou!



CORRIDA DE CAVALOS

Instruções do jogo: — O «Pim-Pam-Pum» oferece, hoje, aos seus amiguinhos este novo jogo, construção para armar. Colem os desenhos que representam os cavaleiros e os desenhos que figuram na página 8, em cartolina espessa e, depois destes recortados, procedam à armação, colocando a circunferência sobre um pedaço de madeira, espetada por um alfinete, de

(Continua na página 7)



SECÇÃO de BORDADOS, PINTURA e ARTE APLICADA

◆ ◆ Por ARLETE LOPES NAVARRO ◆ ◆

Minhas queridas amiguinhas, apresento-vos, hoje, dois desenhos para



N.º 3

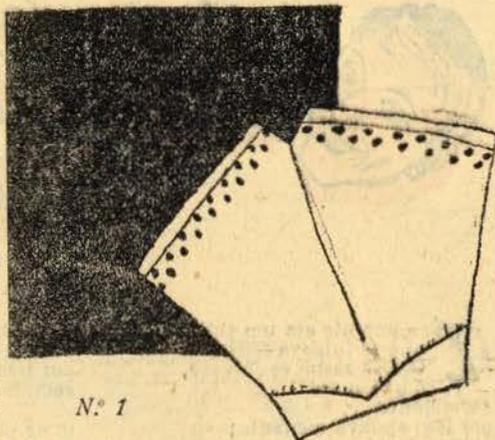
bordarem na vossa roupinha, e vereis como ficam bonitos.

O n.º 2 é bordado a branco e a chelo. O n.º 3 é executado da forma seguinte:

O cesto é feito a ponto pé de flor, a cor castanha; as florinhas a rosa e azul; a folhagem a verde claro e os tronquinhos a verde mais escuro.

O n.º 1 representa umas calcinhas, fáceis de fazer. Têm uma barra de cor e as bolinhas a chelo são bordadas na cor da barra. Estas bolinhas podem ser feitas a nózinhos, ou, ainda, a ponto pé de flor.

Se a vossa paciência permitir, podereis, ainda, fazer essas bolas em aplicado. Colocam-se umas pequenas rodela de tecido da barra e, passando um pequeno



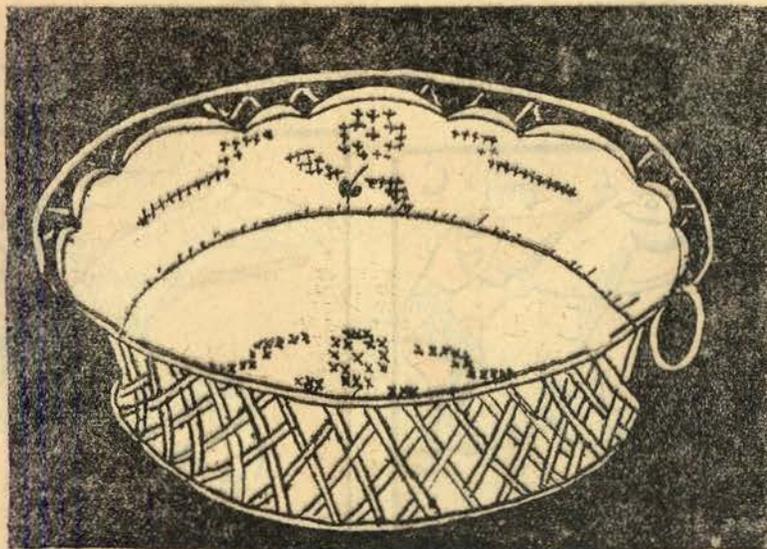
N.º 1

ponto em volta para as fixar, caseiam-se, então, com linha de bordar D. M. C., num tom levemente mais escuro.



UM CESTINHO

PARA O PÃO



N.º 1

Agora, vamos transformar o vosso cestinho do pão, ou dos ovos, num outro, moderno e apresentável.

Dêem uma demão de goma laca em todo ele. Depois de bem seca, uma outra e, em esta estando também seca, o que não leva tempo quasi nenhum, pois esta cola seca rapidamente, diluam um pouco de tinta numa bisinga de óleo, azul, por exemplo, ou castanho, depende do vosso gosto, com verniz «Martin» e, com um pincel de pelo de Marta, pintem-no cuidadosamente, levando no pincel pouca tinta, para não empastar. Depois de seca, dêem uma segunda demão.

Forra-se, então, o cestinho, bordando primeiramente no pano o desenho n.º 2, feito em ponto cruz. A flor é feita em azul ou cor de rosa; as folhinhas em verde, e os outros pontos em castanho. É caseada na extremidade, a ponto de recorte, a tira que se cose em volta da circunferência que forra o fundo do cesto. Depois de pronto o trabalho, dão-se no pano uns pequenos pontos para prender o fôrro do cestinho.

Experimentem e verão como é de fácil execução este trabalho.

CORRIDA de CAVALOS

(Continuação da página 5)

forma a poder imprimir-se-lhe movimento giratório. Colem os quadrinhos em que figuram os cavaleiros nos sectores 1, 2, 3 e 4. Coloquem, em seguida, o marco em face de qualquer dos sectores sem numeração.

Cada um dos jogadores apossa-se de um cavaleiro e faz girar a circunferência. Quando esta páre, os jogadores verificam qual o cavaleiro que atingiu o marco e aquele a quem ele pertencer marca 5 quilómetros a seu favor. O que atingir, nas sucessivas voltas, 50 ou 100 quilómetros, conforme tiver sido combinado, ganha a corrida. Sempre que o marco coincidir com um sector sem numeração, os dois cavaleiros laterais pagam um tanto ao bôlo, que reverterá em benefício do vencedor.

A HISTÓRIA do BICHAÇO MADRAÇO

(Continuação da página 3)

rado, sem fazer nada.» — respondeu o azougado coelhinho.

«Gosto de te ouvir.» — disse, cheia de satisfação, a senhora coelha. — Agradece a boa Fada e vamos tratar da vida.»

O coelhinho Faz-Tudo — nome que adoptou — despediu-se, com estas palavras:

«Obrigado, senhora Fada. Muito desejo que continue a fazer disparates tão acertados como este.»

Depois, seguido pela mãe, foi-se em busca de comidinha para a sua barriguinha.

As grandes aventuras do aeronauta Matias e do piloto «Pátó»

(Continuação da página 4)

rasgou-a em mil pedaços, entre a atrapalhada de Agapito, que tombou com uma síncope cardíaca, e o embarço de Matias e «Pátó», que intimamente se regozijaram com a acertada medida da fiel cadelinha, a qual sempre os livrara de «apuros» e «sarihos.» Conduzido, imediatamente, o pobre Agapito ao posto de socorros, foi reanimado em poucos minutos, mercê duma injeção, semelhante à que ele pretendia «pregar» aos arrojados aviadores.

Entretanto, Matias, «Pátó» e «Mascotte» eram erguidos nos braços possantes de alguns populares e levados, no meio da multidão, num delírio de aclamações, pelas principais ruas e praças de «Cascos de Rôlhas».

Um Jôgo de observação

Amiguinhos, tendes um minuto para fotografar visualmente estes objectos:



Muni-vos dum papel e dum lápis. Um de vocês puxará do relógio. Entretanto, os outros fixarão a gravura acima, durante um minuto. Decorrido este, volta-se a gravura. Em seguida, cada jogador saca do seu lápis e inscreve no respectivo papel todos os objectos que houver retido na memória. Tem, agora, três minutos para os reproduzir.

Comparem, depois, o resultado. Vence aquele que houver inscrito maior número de objectos e que revele, portanto, um sentido de observação mais apurado.

Correspondência

ANTONIO MARTINS DE LEMOS — Muito gratos pelos elogios ao nosso suplemento, cumpre-nos dizer-te que só a vista da prosa e dos desenhos, poderemos garantir se terão cabimento no «Pim-Pam-Pum».

MARIA ZÉLIA SANTOS MARTINS — A foto sairá a seu tempo.

FERNANDO TAVIRA — Muito nos alegra saber que tens acompanhado com interesse os progressos do nosso suplemento. Brevemente publicaremos a construção a que te referes.

Um grande abraço a todos do

TIO PAULO

ACRÓSTICO

SOLUÇÃO DO
NUMERO
ANTERIOR:

JOÃO DE DEUS

CORRIDA de CAVALOS



Leiam as Instruções do Jôgo na página 5

